

PFL teme ficar de fora

O PFL, principal parceiro do PSDB na sucessão presidencial, já está sentindo as dificuldades que enfrentará na composição de um eventual governo Fernando Henrique Cardoso. A primeira dificuldade para que o partido tenha um espaço maior no Ministério decorre da decisão de Fernando Henrique de diminuir o número de pastas. A segunda, de acordo com um articulador parlamentar do partido, é a vontade que os políticos do PSDB têm de governar o país. "Os tucanos têm sede de poder", disse um importante pefelista.

Segundo lideranças do PFL, à medida que se aproxima o dia da eleição, os tucanos vão mudando o tratamento dado aos alaidos. Em conversas reservadas, eles fazem questão de deixar claro quem vai mandar no governo. "Quem conduziu a campanha? Quem fez o programa de governo? Quem fez o programa para a TV?", perguntava ontem um dirigente do PSDB, ao afirmar que os tucanos darão as cartas. "O PFL vai aderir, não vai impor."

A supremacia dos tucanos foi reafirmada, de forma mais diplomática, pelo presidente do PSDB, Pimenta da Veiga. "O núcleo político central de sustentação do governo e de formulação de suas políticas será o PSDB", afirmou. Para garantir o controle do governo pelos tucanos, Fernando Henrique pretende uma coordenação que funcionará no Palácio do Pla-

nalto. A idéia é impedir que se reproduzam as práticas de governos em que cada ministro fazia o que queria.

Os pefelistas também estão desconfiados do discurso de assessores próximos ao candidato, de que uma vitória no primeiro turno o livraria de qualquer compromisso com os partidos. "A vitória será só dele", disse um integrante da Executiva do PSDB sobre a possibilidade de ganharem a 3 de outubro. O PFL teme também a possibilidade da formação de um grande partido social-democrata, defendido por segmentos do PSDB, e que poderia aumentar o cacife dos tucanos e reduzir a influência do parceiro.

Para garantir espaço, os pefelistas pretendem recorrer à força política do ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que deverá se eleger com grande votação para o Senado, e à capacidade de articulação do vice, senador Marco Maciel. O tamanho das bancadas que o PFL vier a eleger para a Câmara e o Senado também contará, pois além da importância quantitativa permitirá que os pefelistas possam exercer aquilo que consideram sua principal vocação: fazer a ligação entre Executivo e Congresso. Acreditam, ainda, que serão mantidos alguns compromissos acertados pelo presidente do PFL, Jorge Bornhausen, quando conduziu as negociações que resultaram na coligação entre os dois partidos e o PTB.